

Israel: Celeiro de Inovação Tecnológica

Um dos maiores celeiros de inovação tecnológica no mundo hoje se encontra em Israel. Apesar de integrarem o **segundo maior polo de inovação mundial** – atrás apenas do Vale do Silício, nos Estados Unidos – as empresas israelenses de alta tecnologia ainda não são muito conhecidas no Brasil. São poucos os brasileiros que sabem, por exemplo, que o Waze, aplicativo de navegação por GPS, ou o *pen drive* foram desenvolvidos em Israel.

Hoje, existem **mais de 300 empresas estrangeiras com centros de P&D e/ou aceleradoras de startups em Israel** – e **nenhuma destas empresas é brasileira**. Engana-se quem acredita que apenas gigantes do setor de alta tecnologia – como Google, Apple, Microsoft e Intel – compõem este grupo. Empresas de setores tradicionais como a Coca-Cola, por exemplo, estão presentes por lá. A Coca-Cola mesmo resolveu iniciar um projeto piloto de aceleradora de *startups* em Tel Aviv no ano passado, visando estimular o desenvolvimento de qualquer tecnologia que “pudesse lhe economizar ¼ de centavo em cada remessa de carga”, conforme palavras do próprio responsável pelo programa da aceleradora.

O Brasil é um mercado consumidor enorme, com cerca de 200 milhões de indivíduos. Somos o quinto maior país em número de habitantes do mundo, atrás apenas de gigantes como China e Índia, mas próximos dos EUA, com cerca de 300 milhões de habitantes, e da Indonésia, com cerca de 250 milhões de habitantes. Estamos, portanto, no radar de potências internacionais exportadoras de tecnologia como um mercado a ser desbravado. Além disso, o brasileiro gosta de tecnologia. Somos o terceiro país do mundo em número de usuários do Facebook, atrás apenas dos EUA e Índia. **Por que, então, não somos os pioneiros – junto com os EUA e a Europa – na adoção de novas tecnologias israelenses? A adoção destas tecnologias no Brasil se dá, em geral, de forma tardia e bem depois de já estarem amplamente difundidas nos EUA** - o que leva muitos a, justamente, pensar que tais inovações foram criadas por lá.

É necessário que se criem mais oportunidades de negócios entre os dois países, para que o Brasil possa se beneficiar em primeira mão destas tecnologias. Em um mundo cada vez mais competitivo, é imprescindível que as empresas brasileiras não fiquem para trás.

Muitos se perguntam se esta seria a melhor hora para investir em tecnologias sofisticadas. Afinal, o cenário macro do País se mostra desafiador e há incertezas quanto à duração da crise. **Pois é, justamente, em um momento como este que se faz necessário encontrar maneiras de cortar custos ou promover vendas de forma inteligente – aumentando, com isso, a produtividade e a rentabilidade da empresa.** Empresas produtivas e rentáveis estão

em melhores condições de atravessar um eventual momento de crise econômica, preservando seu mercado ou até mesmo ganhando mercado frente à concorrência.

Além disso, **um maior intercâmbio entre Brasil e Israel seria benéfico também para o ecossistema de inovação brasileiro**. Muitas vezes, traduzir tecnologias importadas e adaptá-las à realidade de um país pode ser um desafio. Neste sentido, oportunidades de colaboração entre israelenses e brasileiros poderiam, certamente, gerar uma externalidade positiva para todo o ecossistema de alta tecnologia por aqui. Não só a troca de informações em si seria proveitosa. De fato, o aprendizado do brasileiro poderia ir muito além do meramente técnico. Entender o que fez de Israel – tão pequeno quanto o estado de Sergipe e encravado em um local árido e desprovido de recursos naturais – um país tão próspero, apesar das adversidades, parece uma charada boa de solucionar.

Na última década, Israel tem tido crescimento real do PIB positivo ano após ano, mesmo em anos de crise como 2008 e 2009, em que cresceu 3,5% e 1,9%, respectivamente. O que explica este padrão impressionante é justamente o progresso tecnológico. Como bem colocou Robert Solow, ganhador do prêmio Nobel de Economia de 1987, o avanço tecnológico é um dos determinantes do crescimento do PIB junto com o aumento dos fatores de produção capital e trabalho. Mas, ao contrário destes fatores de produção, o progresso tecnológico independe da situação macroeconômica interna ou mundial. Portanto, Israel pôde se manter uma “ilha de prosperidade” mesmo em um mundo em crise.

Para avaliar a sustentabilidade para frente deste padrão de crescimento, precisamos avaliar os fatores que poderiam “garantir” a continuidade de mais inovações tecnológicas no futuro. Que fatores seriam estes? Certamente, a manutenção dos gastos em P&D, a manutenção da excelência acadêmica das instituições de ensino universitárias, a preservação da estrutura competitiva do país, e o contínuo incentivo ao empreendedorismo seriam todos fatores a monitorar.

Israel é o país com maior despesa em P&D como percentual do PIB do mundo. Ao contrário de outros países, a pesquisa em Israel se dá em todos os níveis: não apenas nas universidades e nos centros de pesquisa de companhias multinacionais, mas também no Exército e no próprio âmbito das *startups*. Lá, pequenas empresas são, na verdade, fontes de inovação por definição.

As universidades em Israel não ficam nada a dever em relação às universidades americanas ou europeias. Instituições como Technion e Instituto Weizmann são mundialmente famosos por sua excelência acadêmica. Mas o mais incrível destas instituições é a rica cultura de colaboração entre Academia e Indústria. A pesquisa não fica restrita a publicações em revistas da área. Ela é trazida para aplicações práticas, que vão desde o desenvolvimento de

moléculas que levam a novos medicamentos até descobertas de estruturas mais eficientes de capturar, conservar e transmitir energia solar com o uso de nanotecnologia.

O fato de o país estar cercado de inimigos por todos os lados desde a sua criação em 1948, fez da necessidade de auto-defesa uma oportunidade de desenvolver tecnologias militares das mais avançadas do mundo. De fato, a unidade de elite do Exército de Israel – conhecida como unidade 8200 – foi e continua sendo um celeiro para o surgimento de algumas das tecnologias mais incríveis que o País já produziu. Curiosamente, tecnologias desenvolvidas, a princípio, para uso militar acabam encontrando usos civis inusitados. Este é o exemplo de uma pílula para endoscopia. A pílula contém uma câmara miniatura que, quando engolida pelo paciente, pode filmar todo o seu sistema digestivo com imagens coloridas de alta qualidade, substituindo exames dolorosos e invasivos. Hoje, esta já é uma realidade em Israel.

O incentivo ao empreendedorismo em Israel é algo extraordinário. O País dispõe de programas a nível federal – onde o governo participa como co-investidor em projetos iniciais de alto risco – e a nível municipal – onde as prefeituras de cidades como Tel Aviv, por exemplo, disponibilizam espaços de *co-working* para estimular o surgimento de *startups*. Mas, mais do que incentivos no âmbito governamental ou acadêmico ou militar, o que faz a diferença para o sucesso desta nação – definida como “Startup Nation” no livro homônimo de Dan Senor e Saul Singer – é a atitude empreendedora de um povo que sempre precisou sobreviver como pôde ao longo dos milênios.

Certamente, o aumento do intercâmbio entre Brasil e Israel seria muito benéfico para ambos, mas especialmente para o Brasil. Precisamos almejar sair do grupo de países que – seja pela dificuldade de fazer negócios ou pela falta de interesse ou conhecimento nosso – fica sempre em segundo plano para as empresas de alta tecnologia mundiais. Precisamos trabalhar para que estas empresas olhem para o Brasil como uma prioridade – e, quem sabe até no futuro, como seu igual.